

INTRODUÇÃO

São as mulheres que dão origem ao mundo. A sobrevivência da raça humana está intimamente ligada aos esforços reprodutivos das mulheres. Historicamente, enquanto sessenta por cento da vida das mulheres era dedicada à gravidez ou à amamentação, os homens, por outro lado, deviam «ganhar o pão nosso de cada dia», sustentando as esposas e os filhos com o dinheiro recebido ao trabalharem nos campos e nas fábricas, ou como talhantes, padeiros e fabricantes de velas.¹ Os homens sempre foram os «produtores», recebendo em dinheiro, ao passo que as mulheres são as «reprodutoras», auferindo uma moeda diferente: o amor que faz girar o mundo. Pelo menos, é o que se dizia.

A viagem da humanidade da pobreza para a prosperidade – viagem que ainda hoje decorre – está repleta de homens cujos nomes ficaram para a posteridade, desde João de Médici, John D. Rockefeller e Henry Ford, passando por Vladimir Lenine e Mahatma Gandhi até Bill Gates. Mas de quantas empreendedoras, comerciantes, industriais e revolucionárias económicas se lembra? Verdade seja dita, a ideia geral é de que, até há bem pouco tempo, não existiam. Ainda hoje, se reuníssemos no mesmo espaço todas as pessoas que subiram a pulso e conquistaram fama e fortuna, teríamos uma sala cheia de homens: menos de seis por cento dos multimilionários que não sejam herdeiros são mulheres.²

Não surpreende, então, que, ao invés de serem tidas como criadoras de riqueza, se vejam as mulheres como beneficiárias passivas do crescimento económico criado pelos pais, pelos maridos e pelos irmãos. Partimos do princípio de que a história económica é feita por homens: que foi o seu talento empreendedor, o trabalho esforçado nos campos e nas fábricas e as ideias revolucionárias que

tiveram que, geração após geração, nos salvaram de um tempo em que a vida era «pobre, difícil, brutal e curta».³

Então e Friné, a mulher mais rica da Atenas antiga, que se ofereceu para financiar a reconstrução das muralhas de Tebas depois de a cidade ter sido arrasada por Alexandre, *o Grande*? Ou a astuta empresária Cadija, mais conhecida por ter sido a primeira esposa de Maomé, que, depois de o ter contratado para cuidar das suas caravanas comerciais, pediu o futuro profeta em casamento? E Johanna Ferroux, que ajudou a orquestrar a Revolta dos Camponeses na Londres do século xiv? Ou Priscilla Wakefield, a escritora que criou o primeiro banco inglês para mulheres e crianças, ou Madame Tinubu, na sua época a mais rica e influente comerciante de Lagos, exilada pelos britânicos, ou Ching Shih, uma prostituta que viria a ser pirata e controlaria uma frota de navios que dominava o comércio no mar da China Meridional? Terá o leitor alguma vez ouvido falar de Helen Walton, que transformou as suas lojas económicas num império americano de supermercados, ou de Sarojini Naidu, que liderou uma campanha de resistência económica contra o jugo britânico na Índia, ou de Zhang Xin, «a mulher que construiu Pequim»?⁴ E quanto às mulheres que todos os dias labutaram em prol do lucro alheio – as mulheres que ajudaram a construir as pirâmides egípcias, as escravas que trabalharam nas plantações ou como empregadas domésticas, as mineiras de carvão em tronco nu da Revolução Industrial britânica, as «criadas reclusas» que estabeleceram as bases da Austrália moderna, as comerciantes do Senegal e as adolescentes que de dia fiavam algodão nas fábricas de Boston e à noite redigiam o seu periódico literário? E, obviamente, as mulheres que trabalham nas inúmeras fábricas clandestinas que grassam hoje em dia em sítios como o Bangladesh e o Vietname?

Quando me decidi a escrever este livro pensei que teria pela frente uma tarefa inumana, tendo de passar a pente fino imensas fontes históricas para encontrar mulheres que enchessem as páginas que se seguem. Todavia, uma vez encetado o trabalho, não demorei a perceber que teria material para vários volumes. Nunca houve «falta» de mulheres na vida económica; elas foram, pura e simplesmente, escondidas por quem escreveu os livros de história. Se pensarmos que, até há relativamente pouco tempo, a maioria das universidades não admitia mulheres, isso não surpreende;

a maior parte dos historiadores e o grosso dos economistas eram homens. Ainda hoje há duas vezes mais homens a escrever obras económicas.⁵ Felizmente, graças ao trabalho de historiadores, arqueólogos e arquivistas modernos, as trabalhadoras e as empreendedoras do passado têm vindo a ganhar vida nova, bem como o reconhecimento merecido.

Em última análise, contudo, o presente livro não pretende apenas pôr as mulheres no centro das atenções. Depois de vinte anos a lecionar história económica nas universidades de Oxford e Cambridge, decidi entrelaçar as meadas da história numa narrativa única que incluía não só a vida dos homens, mas também a das mulheres. Não é possível compreender o progresso das economias estudando apenas a vida dos homens, nem nos podemos limitar a complementar a atual história económica com meia dúzia de linhas – espalhadas aqui e ali – sobre o que os restantes cinquenta por cento da população faziam com o seu tempo. Como sempre, o todo é bastante mais do que a soma das suas partes. Quando «juntamos mulheres e mexemos», o entendimento do passado sofre uma alteração profunda e eterna. O que se segue não é uma mera história das mulheres; é, isso sim, uma história económica mais correta de todos nós.

À medida que mergulhamos no passado e corremos o globo, seremos levados para os centros de prosperidade de cada período da história humana, observando o antigo Egito, a Mesopotâmia, o Norte Chico do Peru, o vale do Indo, a Grécia Antiga, o Império Romano, o Império Abássida islâmico, a China Song, a América espanhola, a Idade do Ouro Neerlandesa, a Revolução Industrial britânica, a África Ocidental colonial, a América do século xx, a China do século xxi e não só. Veremos o tipo de trabalho que as mulheres faziam em diferentes períodos históricos, os desafios que enfrentaram e as diferenças de pagamento – e de tratamento – em relação aos homens. Percorreremos os momentos económicos mais importantes dos últimos doze milénios: o desenvolvimento da agricultura, a invenção do bronze e do ferro, a transição do feudalismo para o capitalismo, a emergência de impérios e do comércio global, a Guerra da Independência Americana, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, a ascensão e queda da colonização europeia, a Revolução Russa, a Grande Depressão, o advento da informática, a Crise Financeira Global, o nascimento

da China moderna e a atual revolução da tecnologia verde, sempre através do ponto de vista tanto das mulheres como dos homens.

Pesem embora as muitas forças que conspiraram contra as nossas antepassadas, bem como as inegáveis contribuições no seio do lar sem as quais a economia seria incapaz de funcionar, como veremos, as mulheres estiveram sempre presentes em quase todos os aspetos da economia. Entre os seus imensos papéis e ocupações, acompanharemos as caçadoras do Peru da Idade da Pedra, as canalizadoras da Roma antiga, as cervejeiras da Londres medieval, as rainhas mercadoras da África Ocidental setecentista e as engenheiras informáticas do século xx. As fontes usadas para o processo de documentação da vida profissional feminina são reveladoras: antigas impressões sigilares da Antiguidade (equivalentes aos rótulos de mercadorias e às assinaturas no mundo antigo), impressões digitais em cerâmica centenária, petições a reis e rainhas, registos de tribunais, informações fiscais governamentais, extratos bancários, túmulos, esculturas e pinturas, certidões matrimoniais e até cartões-de-visita de mulheres da Londres do século xviii. Juntas, estas fontes ajudam a criar um relato cativante e inegável da longa contribuição feminina para a economia global.

Ao viajarmos pelo espaço e pelo tempo iremos perguntar: quão envolvidas estiveram as mulheres no mundo dos negócios? Que tipo de trabalho faziam as mulheres no passado? Será que o esforço das mulheres chega para serem reconhecidas e recompensadas? Será que o local *onde* as mulheres trabalham – dentro ou fora do agregado familiar – é relevante para o valor que a sociedade lhes atribui? Quais os maiores entraves à plena participação das mulheres na economia? O trabalho remunerado será explorador ou libertador? Como se compara o atual fosso de rendimentos entre géneros com o que se verificava no passado? Será que foi nas economias mais bem-sucedidas – as que mais conquistaram – que as mulheres puderam ter um envolvimento mais abrangente? As respostas não só dão forma ao presente como também nos ajudam a encontrar o caminho para um futuro mais próspero e, assim se espera, mais equitativo.

De momento, apenas uma de cada duas mulheres em idade profissional recebe um ordenado, contra mais de três de cada quatro homens.⁶ Globalmente, as mulheres que trabalham recebem,

em média, apenas setenta e sete cêntimos por cada dólar auferido pelos homens.⁷ As mulheres ocupam só um quinto dos cargos diretivos empresariais e gerem meros dez por cento das empresas do *Fortune 500*.⁸ Enquanto os homens sobem os degraus da carreira, as mulheres continuam em casa, garantindo três quartos da prestação não remunerada de cuidados.⁹ As mulheres despendem mais 2,4 horas com a prestação de cuidados em cada dia da semana do que os homens.¹⁰ E nem todo esse cuidado prestado foi escolhido voluntariamente. Embora muitas mulheres talvez possam fazer escolhas quanto à dimensão da sua família, outras veem essa opção negada. Só metade das mulheres dos países em desenvolvimento tem acesso a planeamento familiar ou o direito de se recusar a ter relações sexuais com o marido.¹¹ Uma vez que são menos as mulheres que trabalham fora de casa, isso, a par do fosso de rendimentos por género, leva a que as mulheres recebam anualmente apenas cinquenta e sete por cento dos rendimentos auferidos pelos homens, o que as deixa financeiramente dependentes e perante um maior risco de pobreza.¹² A disparidade de riqueza entre homens e mulheres é ainda mais substancial do que o fosso entre géneros no caso do emprego e dos rendimentos. As mulheres são donas de muito menos área do planeta do que os homens: em todo o mundo, as mulheres representam menos de quinze por cento dos proprietários agrícolas, sendo esse valor inferior a cinco por cento no Norte de África e no Médio Oriente.¹³ Se houvesse tantas multimilionárias como multimilionários, teríamos seis vezes mais Taylor Swifts, Sheryl Sandbergs e Oprah Winfreys.¹⁴ A grande questão, como veremos, é que a desigualdade económica não deriva apenas do facto de as mulheres estarem ocupadas nas suas casas; também resulta das práticas legais e sociais que limitam a sua liberdade profissional, o seu acesso a contas e créditos bancários, o direito à propriedade e à herança. Infelizmente, a ideia de que uma mulher deveria poder ganhar dinheiro, manter e investir esse dinheiro, fazê-lo com orgulho e gastá-lo a seu bel-prazer não pode ser vista como um facto consumado.

Os problemas com que as mulheres se deparam nos nossos dias não são novos. Como veremos, os fossos profissionais, os fossos de senioridade, os fossos de remuneração e os fossos de riqueza existem desde há muito nas mais variadas sociedades. Nas tinturarias reais da antiga Suméria, as mulheres dominavam as oficinas,

ao passo que os homens assumiam papéis de gestão e mesmo as mulheres que chegavam a posições superiores só recebiam um terço do rendimento masculino.¹⁵ No antigo Egito, onde homens e mulheres gozavam de uma relativa igualdade em comparação com outras civilizações, apenas doze por cento dos latifundiários eram mulheres.¹⁶ Na Atenas clássica, as mulheres eram remetidas para um nível de isolamento equiparável ao que acontece no Afeganistão dos nossos dias. No mundo romano, onde as mulheres contavam com bastante mais liberdade do que na Grécia, o imperador Augusto empregou uma retórica semelhante ao conservadorismo social moderno para atacar as mulheres trabalhadoras, encorajando-as a dedicar-se à reprodução para bem de Roma.

Como veremos, ao invés de ser uma longa marcha a caminho da libertação económica das mulheres, a história tem sido uma montanha russa de avanços e retrocessos. Alternámos entre períodos em que o envolvimento feminino na economia foi bem visto e recompensado, e momentos em que foi obstruído e apagado. Afinal de contas, os patriarcas raramente quiseram admitir que as mulheres eram a fonte da sua riqueza. O êxito costumava ser atribuído unicamente aos homens – os governantes astutos, os guerreiros corajosos, os comerciantes aventureiros e os génios criativos que enchem os livros de história. Fabricaram-se lendas que alertavam para as mulheres incontroláveis que distraíam imperadores, deixando as respetivas nações vulneráveis à invasão, ou para mulheres que criavam o caos – qual Pandora – ao recusarem-se a obedecer. Os gregos antigos, o Império Islâmico e várias dinastias chinesas e indianas adotaram o mesmo mantra: a liberdade das mulheres causara ruínas passadas e a prosperidade futura só pode ser garantida restringindo as mulheres – o seu corpo, os seus movimentos e as suas opções. Ironicamente, conforme veremos, isso criou um ciclo vicioso de desgraças económicas que levaram ao colapso de inúmeras civilizações. Com efeito, em algumas das que já foram as mais ricas economias do mundo (como o Egito antigo, o Irão e a Índia), as mulheres têm hoje uma vida bastante mais limitada do que nunca – e a economia sofreu com isso. A China foi uma das poucas civilizações históricas a perceber o seu erro, o que levou à maior narrativa de êxito económico dos nossos dias. E como veremos foi também a aumentar as liberdades das mulheres que o Ocidente conseguiu

escapar ao marasmo económico e chegar ao domínio da economia global.

Das mulheres mais bem-sucedidas do seu tempo às que se esforçaram por sobreviver, esta é a história de como milhões de mulheres, ao longo da história, conseguiram financiar-se a si próprias, às suas famílias e às suas comunidades, garantindo alimento, roupas e combustível, a par de peças de teatro, livros e canções que serviram de entretenimento para todos. É a história de como as *mulheres* enriqueceram o mundo.